



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

DESAFIOS FORMATIVOS E O USO DA INTERNET NA EDUCAÇÃO HISTÓRICA

Lucas Otávio Boamorte^{1*}

Eixos Temático: Educação e Tecnologias

Resumo

Este trabalho explora algumas discussões a respeito do uso da Internet na educação e sobretudo no ensino de história e suas contribuições para a formação histórica através dos meios midiáticos. A partir de uma perspectiva da didática da história pautada nos estudos de Rüsen e na articulação do saber histórico relacionado com os meios midiáticos foi elaborado um projeto de pesquisa-ação onde se pretende analisar a forma como os alunos de uma escola da rede pública de Ponta Grossa aprendem história.

Palavras Chave: Internet; História; Formação Histórica; Pesquisa-ação, Educação.

1.INTRODUÇÃO

O presente resumo visa refletir sobre o uso da internet na formação histórica de alunos do ensino fundamental da rede pública de Ponta Grossa, embasado pelos estudos da utilização de mídias bem como da internet na educação escolar (e não escolar) com os contributos da teoria da história de Rüsen no que tange a formação história e consciência histórica. A partir de uma reflexão teoricamente referenciada a respeito da didática da história na figura do professor Dr. Luis Fernando Cerri, pensa-se na inserção de novas abordagens midiáticas no ensino de história. O resumo ainda traz os resultados prévios de

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa, graduando do curso de Licenciatura em História, lucasboamorte.contato@gmail.com.

uma pesquisa-ação realizada pelo Programa de Iniciação à Docência (PIBID) realizada no Colégio Estadual Nossa Senhora das Graças (CENSG) onde se buscou compreender como se dá a formação histórica em espaços não-escolares e o uso de sites de pesquisa em história.

2. HISTORICIDADE DA INTERNET: “ O QUADRO NEGRO DO FUTURO”

Para iniciarmos a reflexão sobre os usos da Internet devemos antes de tudo entender o que é esse fenômeno tão presente nos dias de hoje. Os primórdios da Internet remetem à reação do governo norte-americano ao Projeto Sputnik da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), capitaneadas pela Rússia, durante a Guerra Fria, em 1957 (ABREU, 2009, p.02). É neste contexto de bipolarização mundial que nasce a internet, assim como Abreu (2009) salienta que o trabalho de peritos militares norte-americanos que desenvolveram a ARPANET, rede da Agência de Investigação de Projetos Avançados dos Estados Unidos, foi crucial na disputa entre os blocos capitalistas e socialistas no período da Guerra Fria. Em 1996 vemos nos Estados Unidos um despertar do uso da internet no meio educacional, o secretário da Educação do governo Clinton, Al Gore definiu a Internet como “o quadro negro do futuro” (ABREU, 2009, p. 04).

Se por um lado a internet ainda não se tornou oficialmente o “quadro negro do futuro” é inegável que ela ocupa um papel demasiadamente notório nas relações de sociabilidade, de informação e de transformações de mídias, como salienta Oliveira (2014) “ Se a internet representa uma inovação em termos midiáticos, ela também significa, e está inserida em uma “nova” sociedade que se constrói a partir de seu uso”. Para Ginzburg a internet tem provocado mudanças nas maneiras de produção do conhecimento histórico, e isso reflete sobretudo nos agentes de transmissão do conhecimento histórico (professores) e nos locais tradicionais de ensino (escolas), é necessário que se tenha em mente que o professor não é mais a única fonte de conhecimento e que o aluno já traz consigo informações extraídas de outros meios. Assim como ressalta Oliveira:

Atualmente, a escola não detém o monopólio do passado e distintos meios de comunicação de massa o têm utilizado. Numa luta de representação e legitimidade, portanto, escola, televisão, cinema e a própria internet “duelam” como portadores

de narrativas dignas de receber o atestado de “verdadeiras”. (OLIVEIRA. 2014, pg.35)

3.FORMAÇÃO HISTÓRICA E O SUBSÍDIO DA INTERNET

Ao pensarmos nos elementos de uma aula de história tradicional acabamos nos limitando ao professor, à lousa, aos textos, e, quando muito, aos mapas que auxiliam a explicitação do professor. Nesse seguimento acabam sendo esquecidos elementos que, sem os quais não se pode pensar o processo de *ensino-aprendizagem*, como os alunos. É a partir dos alunos que o ensino acontece, e se partimos deles precisamos partir de todos os elementos que fazem parte de sua vivência, ou que podem ajudar a história escolar a se relacionar com esta mesma vivência.

Antes de ponderarmos sobre a vivência dos alunos, temos que ter em mente que estes atores assumem papel ativo no processo de ensino-aprendizagem, tendo em si as ferramentas que facilitam a atuação do professor. Estas ferramentas são toda a bagagem extraescolar que o aluno porta em si, já que, diferente do que tradicionalmente se pensou, o aluno não é um livro em branco que precisa ser preenchido, ou então um recipiente vazio que deve ser enchido. A educação, afinal, não é nem deve ser vista de maneira “bancária”. O aluno não é um depositante, e o professor não é um depositário.

De outro lado, o aluno é também um ser ativo em toda sua vida, observando e interagindo com inúmeros elementos que constituem as diversas instituições com que tem contato no meio onde vive. Estas instituições, para se limitar a poucos exemplos, podem ser os amigos e a família, a igreja, o bairro ou a televisão. Todas elas transmitindo seus ideais, seus dogmas, seus conhecimentos (sejam eles científicos ou não), suas visões de mundo, e, por conseguinte sua concepção de história.

Todos estes elementos, com os quais os alunos acabam estabelecendo contato, influenciam na construção de sua subjetividade e são levados consigo quando os alunos entram em contato com o que costuma ser a primeira instituição que se preocupa com a transmissão formal do saber na forma do conhecimento científico organizado.

Quando falamos em conhecimento histórico estamos nos referindo a todas as formas e espaços onde a história é produzida, transmitida e assimilada, assim como um museu, um patrimônio, jornal, revista, quadrinhos, cinema, internet e é claro a escola, esta com um papel fundante no processo de ensino e da formação histórica. Para Barom e Cerri (2011) dentre

os inúmeros polos formadores do pensamento histórico, capazes de atribuírem sentido e orientação, à escola cabe o papel da inserção do conhecimento metodizado como realimentação do conhecimento cotidiano. (BAROM; CERRI. 2011, pg2). O que podemos considerar como formação histórica? Nas palavras de Rüsen seria:

A formação histórica é, antes, a capacidade de uma determinada constituição narrativa de sentido. Aprender é a elaboração da experiência na competência interpretativa e ativa, e a formação histórica nada mais é do que uma capacidade de aprendizado especialmente desenvolvida. Essa capacidade de aprendizado histórico precisa, por sua vez, ser aprendida. (RÜSEN, 2007, p. 94).

Neste sentido, quando dentro do processo de ensino-aprendizagem pensarmos em formação histórica, de antemão temos que pensar em uma reflexão didática no sentido de repensar alguns pontos como os objetos e os lugares de conhecimento a serem utilizados no ensino, ou os conteúdos e o próprio conhecimento que o ensino de história abrange. Para Cerri a reflexão didática é “uma reflexão sobre os temas e conteúdo da disciplina de história no universo cultural que o aluno partilha e participa”. (CERRI, 2014, p. 540)

Portanto, capacidade de aprendizado histórico e de sentido pressupõe, no ensino de história, interpretação e reflexão do conteúdo histórico trabalhado, é neste ponto que se torna complexo o uso da internet no ensino de história em virtude de os sites de pesquisa (bem como vídeo-aulas) apresentarem um conhecimento pronto e acabado, de preferência dinâmico e instantâneo, sem uma problematização de conceitos, contexto e de historiografia.

4. A METODOLOGIA APLICADA EM FORMA DE PESQUISA-AÇÃO

A partir de uma sondagem empírica, foi suscitado a problemática a respeito da formação histórica dos alunos do sexto ano de um colégio público da cidade de Ponta Grossa, neste sentido foi idealizado um projeto de pesquisa-ação onde se buscou entender como os alunos aprendem história nos meios não-escolares, quais instituições além da escola os mesmos têm acesso, quais meios eles utilizam para embasar sua formação histórica: mídias, internet, familiares, igreja, filmes, história em quadrinhos, desenhos, séries, jogos, romances históricos, etc. Os objetivos desse projeto é extrair dos questionários dados sobre a formação histórica dos estudantes (conteúdos, meios, recursos, experiências), considerando os aspectos socioeconômicos dos mesmos, além disso, identificar indicadores de interesse, credibilidade e carências a respeito do conhecimento e formação histórica dos estudantes, de

modo a orientar os próximos projetos de intervenção de ensino organizados pelo PIBID História/UEPG no CENSG.

A pesquisa consiste na utilização de questionários, divididos em duas etapas, sendo que por meio do primeiro busca-se o levantamento de dados socioeconômicos dos estudantes dos quatro sextos anos (A, B, C e D) para compreender de que lugar social esses alunos estão inseridos. Já com o segundo questionário baseado no uso da escala Likert, busca-se compreender como se dá a formação histórica desse público-alvo, tanto em espaço escolar como em espaços não-escolares para nortear a aplicação de atividades futuras desenvolvidas pelo PIBID. A pesquisa ainda se encontra em estágio de desenvolvimento, mas algumas informações sobre o uso da internet já são passíveis de problematização. As três primeiras questões do questionário trazem elementos referentes a internet, na questão 1 onde se pergunta “*O quanto você aprende sobre história com os seguintes meios e recursos?*” no item J (Vídeos de Internet) dos 30 alunos pesquisados, 12 responderam que aprendem muito bem, 8 aprendem bem, 6 aprendem mais ou menos, 3 aprendem pouco e 1 aprende muito pouco.

Na segunda questão “*Quando surge alguma dúvida ou curiosidade sobre assuntos que envolvem história, com que frequência você recorre aos meios abaixo para encontrar a resposta certa?*” O item A (Internet) é o mais recorrente, onde 13 alunos afirmam que sempre pesquisam, 3 quase sempre, 7 as vezes. A terceira questão se preocupou em saber em quais endereços eletrônicos os alunos se baseiam quando fazem suas pesquisas: “*Com que frequência você costuma fazer pesquisas sobre história nos sites abaixo?*”. O item A (Facebook) é o menos recorrido onde 15 alunos afirmam que nunca acessaram, seguido pelo item B (Wikipédia) onde 14 responderam que nunca acessaram este site para pesquisas, o item C (Youtube) por outro lado é o mais acessado pelos alunos, onde 13 responderam que acessam sempre e 8 responderam que quase sempre acessam. É interessante notar que o item D (Brasil Escola) que se caracteriza por ser um site de pesquisa em história é pouco conhecido pelos alunos, onde 27 informaram que nunca costumam pesquisar neste site.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que em andamento a pesquisa mostra que boa parte dos alunos usam a internet para realizar suas pesquisas em história com bastante frequência, e que sobretudo confiam

em seu conteúdo, além disso mostra como eles preferem uma linguagem mais dinâmica como os vídeos do Youtube do que sites onde possuem textos.

Neste sentido, cabe ao professor se adequar ao uso dessas mídias ao invés de tentar vence-las, e neste aspecto ressalto as palavras de Oliveira (2014) “Entendo que o professor de história deve utilizar a internet como recurso pedagógico e que deve dialogar com o material produzido e apresentado na internet; afinal, tais conteúdos têm ajudado a formar a cultura histórica desses estudantes-internautas”.

REFERÊNCIAS

ABREU, Karen Cristina Kraemer. História e usos da Internet. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2009.**

BAROM, Wilian Carlos Cipriani; CERRI, Luis Fernando. O Ensino da História a partir da teoria de Jörn Rüsen. **SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 00**, p. 01-09, 2011.

CERRI, Luis Fernando. A reflexão didática no ensino superior – a experiência da prática de história antiga e medieval – UEPG. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: 1964-2014: 50 ANOS DO GOLPE MILITAR NO BRASIL, n. 280, 2014, Campo Mourão. Anais... Campo Mourão: ANPUH, 2014. p. 534-542.

DE OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva. História e Internet: conexões possíveis. **Tempo e Argumento**, v. 6, n. 12, p. 23-53, 2014.

GINZBURG, Carlo. História na era Google. In: Fronteiras do Pensamento 2010. Porto Alegre: 29 nov. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wSSHnqAbd7E>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2007.